

Choque em ativos do Brasil é antecipado

*Incertezas eleitorais
provocaram impacto
antes do que já era
esperado pelo mercado*

FÁBIO ALVES

NOVA YORK – As incertezas em relação às eleições presidenciais, que muitos vêm chamando de risco político, começaram a ter impacto sobre os ativos brasileiros antes do previsto pelo mercado. No fim do mês passado, foi deflagrada uma rodada de rebaixamento de recomendações da dívida brasileira por parte de bancos de investimentos de Wall Street, que citaram o “fator Lula”, como colocou um dos bancos em relatório a clientes, para justificar a redução na exposição ao Brasil.

No entanto, analistas estrangeiros e gestores de fundos de investimentos de mercados emergentes em Wall Street ouvidos pela *Agência Estado* apontam os aspectos críticos da economia brasileira que estão servindo como pano de fundo para que o risco político tenha um peso maior no aumento na ta-

xa de risco Brasil, que ontem chegou no maior nível do ano, antes de se recuperar no fim do dia.

Entre os pontos mais preocupantes para Wall Street estão o tamanho e a estrutura da dívida pública brasileira, que tornam o País mais vulnerável a movimentos bruscos na taxa de câmbio ou na taxa de juros. Também a inflação ainda elevada e a interrupção no processo de queda na taxa Selic contribuíram para o momento negativo da economia brasileira.

Até o início do ano, muitos bancos e corretoras em Wall Street, além de investidores estrangeiros, mantinham exposição otimista ao Brasil nas suas carteiras. Diante da deterioração do risco político e o desempenho não tão satisfatório de indicadores econômicos, o mercado decidiu reduzir sua exposição ao Brasil para um nível neutro.

Vulnerável – “O Brasil é o

país da América Latina mais vulnerável a um choque externo ou a uma nova crise por causa do tamanho de seu endividamento. Se a recuperação da economia dos Estados Unidos não acontecer, se as bolsas de valores norte-americanas desabarem ou se os preços do petróleo dispararem, o Brasil será o país mais afetado, pois o fluxo de capitais poderá cair muito com um cho-

que externo”, explicou o gestor de fundos de mercados emergentes da Oppenheimer Funds, Ruggero de Rossi.

Na eventualidade de uma crise ou um choque exter-

no, Rossi afirma que o temor é de que o Brasil seja forçado a elevar os juros e que a moeda se desvalorize fortemente para absorver o impacto.

“Daí, haverá necessidade de um ajuste fiscal mais severo. É aí que entra o fator político no prêmio de risco Brasil”, comentou. (*Agência Estado*)

DÍVIDA
PÚBLICA
PREOCUPA
INVESTIDOR